

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Luiz Antônio Koritiake

Centro de Memória da Etec Fernando Prestes

Sorocaba/SP

2017

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistadores /Instituição: Ivani Torres Bragheti e José Francisco da Rocha - Etec Fernando Prestes, de Sorocaba/SP.

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

Ao ingressar na Etec Fernando Prestes, em 2003, o professor Luiz Antônio Koritiake era o diretor. Foi por meio de oportunidade concedida por ele e pela professora Stela Maris Cano Ronsani, que a transcritora da entrevista ingressou nas atividades do Centro de Memória, no ano de 2005. Trabalhei em sua equipe de gestão, redigi atas de reuniões, o assessorei em diferentes comissões e posteriormente também a convite dele, trabalhei como docente e como coordenadora do projeto Biblioteca Ativa na Etec Armando Pannunzio. Tinha grande admiração e respeito pelo professor Koritiake e por isso, ter a oportunidade de transcrever essa entrevista foi uma grande honra. Por sua vez, os professores José Francisco Rocha e Ivani Torres Bragheti, também tiveram a honra de serem dirigidos, de conviver e conhecer a trajetória acadêmica do professor Koritiake e por esses motivos identificar a relevância de registrar sua história como pessoa e ilustre professor da Etec Fernando Prestes.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Ivani Torres Bragheti e José Francisco da Rocha

Local da entrevista: Centro de Memória da Etec Fernando Prestes, na Rua Natal, 340 - Jd. Paulistano, em Sorocaba/SP.

Data: 08 de outubro de 2017

Técnico de gravação: Vanderlei Pereira

Duração: 1 hora, 40 minutos e 58 segundos

Número de vídeos: 1 (um)

Transcritora: Daniele Torres Loureiro

Número de páginas: 21

Sinopse da entrevista

Entrevista realizada em 08 de outubro de 2017, no contexto do projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, com o professor Luiz Antônio Koritiake, que atuou no Centro Paula Souza desde 1989. Ingressou como professor e coordenador do curso de Desenho Mecânico, desenvolveu vários trabalhos junto ao Centro Paula Souza, atuou como Diretor das Etecs Mártir Luther King, em São Paulo, e Fernando Prestes, em Sorocaba, coordenou o Programa Especial de Formação Pedagógica na região de Sorocaba, junto ao professor Luís Alberto Agasi, bem como o assessorou na direção da Etec Armando Pannunzio. Durante sua gestão na Etec Fernando Prestes, construiu o Anfiteatro da Escola. Foi docente na Universidade de Sorocaba (UNISO), na Universidade Paulista (UNIP) e na Faculdade São Roque. Era Doutor em Educação pela UNIMEP. Atuou em empresas privadas, como a Ecil Temperatura Industrial, dado a sua formação inicial como Tecnólogo em Mecânica, formado pela Fatec Sorocaba, na década de 1970. Era membro, atuante desde a infância, da Comunidade da Igreja do Largo do Divino em Sorocaba.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 06 de junho a 10 de setembro de 2022

Nome da transcritora: Daniele Torres Loureiro

José Francisco da Rocha (JFR): Boa tarde! Eu, professor José Francisco, juntamente com a minha colega professora Ivani Torres, nesta sexta-feira, 08 de outubro de 2017, temos a satisfação de receber, pelo Centro de Memória da Etec Fernando Prestes, para uma entrevista, nosso colega, professor Luiz Antônio Koritiake. Eu vou fazer a leitura da formação acadêmica desse nosso colega. Possui graduação em Tecnologia Mecânica, pela Faculdade de Tecnologia de Sorocaba, em 1977; Especialização em Administração, 1988; Graduação em Pedagogia pela Universidade de Sorocaba, em 1995; Mestrado em Educação pela Universidade de Sorocaba, 1999; Planejamento e Gestão da Educação Profissional, em 2001; Doutor em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, 2004 a 2008. O título do trabalho: Reestruturação Produtiva e Educação. Atuou, coordenou o Programa de Formação Pedagógica para Professores do Centro Paula Souza; atuou como professor titular da Universidade de Sorocaba; foi membro do Conselho Municipal de Educação de Sorocaba; atuou como professor, coordenador e diretor de Etecs - Escolas Técnicas do Centro Paula Souza. Tem experiência na área de educação e administração com ênfase em políticas e gestão da educação profissional, formação de professores, gestão da qualidade, competitividade e controle da produção e com certeza mais algumas coisas que não estão relacionadas aqui. (O entrevistado concorda com a cabeça). Eu vou passar para minha companheira aqui, a Ivani para, enfim, passar os objetivos da entrevista.

Ivani Torres Bragheti (ITB): Bom, seja bem-vindo, Koritiake! É... como o Francisco falou, nós estamos a frente do projeto do Centro de Memória da Etec Fernando Prestes, que já tem uma história do Centro de Memória e agora com muita alegria a gente está retomando alguns trabalhos e dentro dos trabalhos junto ao projeto é efetuar a documentação oral de várias personalidades dentro da Etec e estamos iniciando aqui com o Koritiake, que tem como vimos, uma vasta história para passar para a gente. Então Koritiake a gente te agradece imensamente sua presença aqui.

Luiz Antônio Koritiake (LAK): Eu que agradeço!

JFR: Vamos começar com as perguntas. Kori...em que ano e em qual cidade você nasceu?

LAK: Eu nasci em 1955, sou do Paraná, Cornélio Procópio, cidade pequena lá, no norte do Paraná. Eu vivi lá até os seis anos, daí vim, a gente veio para Sorocaba. Aí essa trajetória de lá para cá, meu pai, naquela época, não tinha atividade lá, ele era pedreiro e lá naquela banda estava muito difícil, e veio para Sorocaba, que aqui parecia que estava um pouco melhor nessa área de pedreiro e tudo mais. Foi dessa forma que a gente veio lá do Paraná para cá.

JFR: Interessante você ter colocado assim, porque a segunda pergunta seria sobre seus pais, né! A pergunta seria a origem, profissão e que você, de repente, contasse alguma história que envolve os dois.

LAK: Então... meu pai Pedro, minha mãe Helena, eu sou o mais velho de dois que somos, né! Meu irmão Marcos, que hoje está em Bragança Paulista, e quando a gente veio de Cornélio para cá, eu... nós fomos morar numa garagem da casa da minha avó, e a gente não tinha casa, não tinha nada, e a gente morou um ano na garagem, enquanto meu pai, construía, levantava as quatro paredes de casa lá, e daí depois desse ano a gente entrou na casa, é... onde não estava rebocado, não tinha janela, não tinha nada basicamente um tapume, essas coisas todas e foi quando a gente fez o primeiro ano, segundo ano já, porque o primeiro ano eu comecei no Paraná e vim para cá no meio do ano com as grandes dificuldades, de... é... da educação. Você entrar numa escola, sair, depois ir para uma outra, com coisa diferentes, com pedagogias diferentes, né! E vim para Sorocaba, morar no Jardim São Paulo, que a casa da minha mãe é até hoje lá. Eu moro no Jd. Guarujá, pouquinho perto do Largo do Divino também, e a gente se instalou aí no Jardim São Paulo, na época, em 1963, e eu comecei a estudar no Odim de Arruda que era uma escola, ali atrás da igreja do Largo do Divino ali. Era basicamente uma escola de papelão que a gente chamava, Eucatex só, umas coisas assim, e depois, que eu até já tinha saído e ela foi para onde hoje é lá na Salvador Milego, o Odim de Arruda lá. Meu pai sempre trabalhando de pedreiro no início, daí, isso ele trabalhou com meu tio, muitos anos, de pedreiro, construiu várias casas que meu tio, uma época fez essas construções, e meus pais construiu onde hoje é lá o posto Cacel. Meu pai construiu lá o posto Cacel. Um pouco hoje já diferente do que é a estrutura anterior, mas ele construiu lá, a gente morava bem pertinho, um quarteirão do posto Cacel. Minha mãe também não tem grande estudo, né! A quarta série primária da época e meu pai também, mas também eles eram muito atualizados, né! Até vim conversando com a Catarina hoje, que a minha mãe com 83 anos da maneira como ela vê o mundo, como ela enxerga as coisas, faz críticas e tudo, né... então ela realmente está atualizada. Claro que em função da televisão, dessas coisas todas, mas ela é crítica, crítica a moda dela, mas também tem que entender a forma do tempo e tudo mais. Aí meu pai passou a ser vendedor de filtros automotivos, que meu tio era representante, então ele passou a ser vendedor aqui na região de Sorocaba e, em 1967, ele sofreu um acidente carro, onde ele quebrou a clavícula e o cotovelo, que até nunca mexeu mais. Fez a cirurgia, fez as terapias todas, e nós passamos uma dificuldade muito grande, porque meu pai vendia e ganhava comissão e parado não tinha jeito, mas a gente foi comendo arroz, feijão e banana, é isso mesmo, arroz, feijão, banana e queijo ralado as vezes. É... sobrevivendo, vivendo, vivendo. Eu terminei o ginásio no Odim de Arruda, fiz o ginásio Industrial, no caso a Fernando Prestes, era lá onde é hoje a Rubens de Faria, até vocês podem procurar para

colocar aqui, que tem o meu prontuário lá pode pedir na secretaria lá, que vocês vão encontrar. Tem até a minha fotografia de moleque ali, (risos).

JFR: Que bacana!

LAK: É! Fiz o Ginásio Industrial, naquela época que era, não querendo desmerecer os cursos de hoje, mas o nível era bastante elevado. Eu fiz na área... a gente fazia experiência em várias áreas na parte de Marcenaria, na parte de metal... que era Mecânica propriamente. E essas máquinas que estão aqui na oficina foram máquinas que eu trabalhei, que eu aprendi a trabalhar nessas máquinas aí, e um pouco naquela época menino né. Daí era para fazer o colégio na época, de 1970. Eu saí do ensino fundamental, naquela época ginásio e fiz o colegial no Estadão. Muito custo, colegial, trabalhava durante o dia, a noite estudava. Foi lá que a gente se encontrou, eu e a Dona Catarina, né! No segundo ano de colégio. Não era ensino médio que falava, era colegial e aí foi... Fiz vestibular na Fatec... não passei... eu achava que era bom pra chuchu... Levei uma “piovada” (Risos). Daí comecei a estudar sozinho em casa... não tinha dinheiro para pagar cursinho e essas coisas, e estudava mesmo. Pegava na parte da tarde, dá uma hora até as seis da tarde e batia firme mesmo nas disciplinas, foi quando no meio do ano fiz o vestibular na Fatec novamente. Passei em sexto lugar. Daí fiz Fatec.

ITB: Você fez que curso?

LAK: Mecânica, aí fiz Mecânica lá...processos... hoje chama... Processos industriais (expressão de dúvida) não sei exatamente o nome, mas era na área de mecânica. Como a gente já tinha a formação do Ginásio Industrial, então a tecnologia foi relativamente fácil, principalmente a parte de oficina, a gente dominou um pouco mais fácil... um pouco de Desenho com o antigo professor Deluno e então a gente foi nessa caminhada e foi aí que eu fiz tecnologia, comecei a trabalhar numa empresa de São Roque. Ganhava bem pra caramba, que em seis meses deu para comprar um carro. É realmente naquela época o tecnólogo... a gente se fez... Na verdade a empresa que abriu as portas, naquela época a gente nem sabia o que era o tecnólogo e de lá eu saí para outras empresas, sempre empresas pequenas na redondeza de Sorocaba, sempre trabalhando em empresas pequenas, foi quando eu entrei na Ecil em Piedade, e que eu fiz a primeira pós-graduação na área de Administração.

ITB: E a Catarina entrou oficialmente na sua vida, em que época?

LAK: Foi em 1978, a gente casou, não deu um ano de formado, que eu esperei ela terminar o curso de Enfermagem. Eu me formei em 1977, no meio do ano e daí no final de 1978, a gente casou. Moramos em São Roque, moramos em Salto e aí viemos para Sorocaba, tudo em função das empresas. Ela trabalhava na Santa Casa, ia de madrugada, trabalhava a noite, pegava ônibus e ia para Salto, que a gente... que eu morei lá em Salto, cheguei a morar um ano lá em Salto, e foi quando ela estava grávida também, então uma situação bastante... muito sacrifício para poder ter alguma coisa, e crescer um pouco profissionalmente a gente foi ali. Éh! Daí dessa trajetória que eu fiquei muito tempo na Ecil, cinco ou seis anos, porque eu não era de ficar muito tempo nas empresas, eu não gostava de ficar, e achava que tinha que ficar dois anos na empresa, e só se tivesse alguma coisa muito especial para ficar mais. Eu fiquei na Ecil cinco assim efetivo como funcionário com carteira assinada, tudo direitinho. Éh! Mais aí eu saí, fui dispensado lá da Ecil, mas fiquei prestando serviços para eles na área de treinamento, essas coisas aí e tinha montado junto com o Senai, um curso de menor aprendiz, onde a gente pegava alunos da sétima e oitava série lá de Piedade e formava eles dentro da empresa, e eu era o instrutor. Eu era aquele que desenvolvia as atividades lá.

JFR: Então você já estava ligado a educação.

LAK: Isso, eu já estava ligado à educação. Nesse meio termo aí, antes até nós fomos para Capão Bonito, foi quando eu comecei a dar aula, foi em Capão Bonito. Em terra de cego, que tem um olho é rei. (risos)... Então... (ele pergunta a esposa que acompanha a entrevista) Nós fomos para Capão Bonito em 1982, né? E, eu entrei na Ecil, em 1983, e quando eu estava em Capão Bonito eu comecei a dar aula de Matemática, Educação Artística para o magistério, é quem fazia os trabalhos era a Catarina e eu apresentava lá (risos). Ela tem habilidade boa para Desenho e eu apresentava lá para as meninas da área de magistério e assim foi... dei aula de Matemática, Sociologia. Tudo nesse ano, um ano que a gente ficou lá. Nesse ano passamos por grandes intempéries. Eu capotei o carro na estrada, deu um vendaval lá e arreventou com a nossa casa toda... então são coisas que a gente viveu lá. E ao voltar de lá para cá, em 83 que volta a história que eu entrei na Ecil e lá eu fiquei 5 anos. Lá eu tive uma experiência muito boa. Hoje a gente analisa e vê que foi muito importante a Ecil. E ao sair da Ecil eu prestei um concurso mesmo para entrar na Fatec como Auxiliar Docente que era naquela época, sei lá... era mais ou menos isso, para uma especialização para ir para Alemanha. Essa é a minha chance... e começamos a fazer uma capacitação lá em São Paulo. Eu ia todo dia para São Paulo e essa capacitação era, foi muito importante porque nos deu uma visão muito grande... porque meu temperamento... eu briguei lá muitas vezes e eles me tiraram da Alemanha e me deixaram meio na mão.

ITB: Não foi?!

LAK: E até mandaram embora, na verdade. Helena Pererossi me mandou embora do Centro Paula Souza, né. Mas eu falei para ela que um dia eu ainda ia voltar, né (risos) e voltei mesmo. Voltei aqui na Fernando Prestes. Eu fiz um concurso aqui, processo seletivo na época que chamava, para aula de oficina do pré-profissionalizante, não era nem para o profissionalizante, que nem era profissionalizante, era Auxiliar de Desenho que tinha aquele Desenhista Mecânico, não tinha especificamente técnico aqui, era tudo auxiliar. E eu entrei aqui dando aula na oficina na parte de pré-profissionalizante.

ITB: E quando se deu a sua entrada aqui?

LAK: Em 1989 é que eu entro no Paula Souza, em fevereiro de 89 que eu entro. E como teve um problema aqui na coordenação de Mecânica, que veio até o professor Almério para cá na época. Olha que o Almério já era dessa época, (risos) e ele conversando com os professores, como tinha havido um desentendimento muito grande, ele falou que quando entrasse um professor novo esse professor ia ser coordenador, e o marmitão entrou e... e ele queria fazer entrevista com esse professor. E como também tinha a área do Ensino Médio, segundo grau naquela época ainda, a Leila também era para ser a coordenadora. Então foi eu e a Leila para São Paulo, para fazer entrevista com o professor Almério que queria nos conhecer, antes de nos colocar, em função de alguns problemas que estavam acontecendo aqui na Fernando Prestes, desavenças entre professores...

JFR: Coisas que não acontecem hoje em dia (ironia)

LAK: É... hoje em dia já não há mais essas coisas (ironia) e ele nos conheceu lá e deu aval para a gente ser coordenador. Nessa época quem era diretor aqui era o professor Grandó, né! Então o professor Grandó era o diretor aqui da Fernando Prestes, mas ele ficou pouquinho tempo e daí entrou o Luís Agasi e começou a fazer uma revolução nas áreas, passar os cursos de auxiliar para técnico e tudo isso, foi quando a gente... eu tive interesse e tudo mais e foi formando uma amizade muito grande entre eu e o Luís, que perdura até hoje. E a entrada do Luís aqui deu uma alavancada muito grande aqui na escola, tanto na área de Informática, na área de Mecânica, de Construção Civil. Passou todos os cursos que era auxiliar para técnico, então deu um salto na escola. Curso de Contabilidade, Secretariado, que eram os cursos da época e ele veio para cá e a gente transformou um pouco a escola, dividiu sala que era um galpão grande essas coisas aí, a Biblioteca, a sala do lado.

ITB: Nessa época você estava atuando...?

LAK: Eu era coordenador do curso de Mecânica, toda a área de mecânica eu estava como coordenador e o curso de Desenho Mecânico, passou para o curso de Desenho de Projetos de Mecânica, que era o curso técnico. Que a gente foi em São Paulo, lá em São Bernardo, na Lauro Gomes e lá tinha esse curso, e esse curso que a gente trouxe de lá a matriz curricular de lá para cá e implantou o curso de Mecânica aqui, e que foi muito bacana na época, aí a gente conseguiu contratar o Bacci, e o Bacci deu uma ajeitada naquela oficina muito boa, que ajudou a dar uma levantada no curso de Mecânica, a gente fez pranchetas que não tinha, era uma dificuldade para comprar até paquímetro. Eu fui um dia para São Paulo, com o Luís, conversar com o chefe de gabinete na época, para comprar oito paquímetros, que custava o que...R\$600,00, uma coisa assim, no dinheiro de hoje, é... e não tinha dinheiro nem para isso na época difícil, mas aí a gente reestruturou a APM também, que foi a APM que fez todas essas divisões aqui. Basicamente 90% das divisões de sala que estão aqui, que eram salas grandes, que eram basicamente oficinas, era a parte de elétrica, de Marcenaria que tinha aqui, e a oficina lá embaixo mesmo, aí a gente fez várias divisões aqui, que deu para ampliar a escola, ampliar no sentido que, ampliar no número de classe de aula, conseqüentemente que cursos que você tinha na época ainda era o Integrado, anos 90, aí foi em 98, que entrou os modulares, em 96 a LDB, e aí em 98 o Paula Souza implanta os modulares aí. Então foi nesse intermeio todo que eu fui coordenador, sempre coordenador, foi indo, foi indo... daí entra a Leila como diretora e aí eu continuo na coordenação.

JFR: É o seguinte Kori, eu queria saber agora como era a realidade do mundo na sua juventude.

LAK: Então, eu era sempre de igreja, né, meus pais eram de igreja, então no Largo do Divino criou-se um grupo de jovens e eu fui muito atuante nesse grupo de jovens, treinador de grupo e tal e sempre exerci uma certa liderança e eram os anos 70, auge dos anos 70, ame ou deixe-o, essa coisa toda, e esse grupo era um grupo muito consciente, e era um grupo bem político, que até infiltrou gente da polícia, na época lá, nas nossas reuniões, a gente teve até isso lá na época, e essa juventude toda aí era quando eu ainda estudava no Estadão, né. Foi quando eu fiz o colegial lá no Estadão. Foi quando eu conheci a Catarina, em 1972. Nós estamos fazendo 45 anos de namoro, e nessa história toda né, sempre atuante lá, sempre participando da igreja, das coisas da igreja, muitas dificuldades em termos financeiros, porque meu pai sempre viveu do trabalho mesmo, e ganhando pouco, na verdade minha mãe nunca trabalhou fora, sempre foi do lar, propriamente, e dentro disso daí a gente foi criando um amadurecimento e tudo mais, foi quando a gente também entrou fazer a faculdade de tecnologia e sempre trabalhando também com esse grupo de jovens aí, foi bem nessa época aí.

JFR: Vamos dizer o seu lazer envolvia essas atividades lá.

LAK: Ah, Sim! Eu aprendi muito lá em termos de liderança, de técnicas e tudo, porque a gente tinha uma formação muito grande.

JFR: Diga uma coisa para mim...você acabou desenvolvendo um dom nessas atividades aí.

LAK: É, na igreja eu sempre gostei de cantar (risos) como até hoje eu estou lá, só não vou quando eu não posso agora por questões de saúde, mas são 45 anos que eu estou lá cantando. E tivemos alguns parceiros muito bons, porque eu nunca consegui aprender um instrumento para tocar, sempre sonhei em aprender a tocar violão, mas nunca consegui, eu sei três ou quatro posições aí, mas o ritmo nunca consegui pegar ritmo, né. Mas sempre estudei muito nessa parte aí da igreja né, da liturgia, eu aprendi muito e isso me deu a capacidade, a experiência para ser professor, aprendi muito lá e as experiências de lá me

deram condições de ser uma pessoa, eu até com falsa modéstia, sem falsa modéstia, ser um professor relativamente bom.

ITB: Lá?

LAK: Lá, igreja católica do Largo do Divino, e sempre trabalhei lá, sempre tive atuação lá, nesses quarenta e cinco anos aí, mas eu já vinha desde criança lá, sempre frequentei lá. Minha mãe quando chegou no Jardim São Paulo foi procurar onde tinha igreja e a igreja era a missa das 8h, no Largo do Divino. Lá era tudo terra ainda...

JFR: Isso era da parte da sua mãe?

LAK: Isso era da minha mãe e do meu pai.

JFR: Kori, e em relação a sua família atual hoje?

LAK: Então... em 1978, a gente casou, dois anos depois, nasceu a primeira filha, a Adele, que hoje está nos Estados Unidos, mora lá nos Estados Unidos.

ITB: Qual o nome dela?

LAK: Adele Buglia Koritiake. Ela está nos Estados Unidos. E dois anos depois, o Daniel, Daniel Buglia Koritiake, que hoje está no Banco do Brasil. Casado, pai de gêmeos, uma menina e um menino, e está bem, bem estruturado em termos de família e tudo mais, mas nessa trajetória toda, até chegar aí, ao casamento e tudo, eles foram as crianças que a gente levava nas reuniões nossas de igreja, eles acompanharam desde carregar no bercinho, e iam nas reuniões, as palestras, eles sempre nos acompanharam, e isso também deu para eles uma experiência, né! Eles não são hoje de frequentar a igreja, tal, mas a experiência de vida para eles hoje foi muito importante. A Adele formada em Secretariado, é secretária executiva, e sempre trabalhou em nível de diretoria, essas coisas todas e encontrou uma pessoa aqui no Brasil, que era dos Estados Unidos, Colombiano, naturalizado Americano, deu certo e foram para os Estados Unidos, que ele queria ir de todo jeito, os negócios dele era lá.

ITB: Estão morando onde lá?

LAK: Estão morando em Whashington e a Adele está trabalhando no consulado brasileiro lá. Não é consulado, é embaixada brasileira, e ela trabalha lá, e o Daniel no Banco do Brasil. Fez concurso e tudo isso e...

JFR: Todos encaminhados, né!

ITB: Aqui em Sorocaba mesmo?

LAK: Isso, aqui em Sorocaba mesmo. Está na sede aqui do Banco do Brasil, na rua São Bento lá.

ITB: E tem os netinhos gêmeos para alegrar...

LAK: Isso os netinhos com seis anos...

JFR: Com seis anos já!?

LAK: Seis anos já. Coisa linda...

ITB: Qual o nome deles?

LAK: Beatriz e o Gustavo.

ITB: E no Fernando Prestes, enquanto o Agasi estava na direção, você estava na coordenação, e aí como se deu essa trajetória no Centro Paula Souza?

LAK: Então, o Agasi foi muito aberto e muito inteligente também e ele pegou algumas pessoas para ajudá-lo, como foi o caso do Bruno, o caso do Renato, né e eu entrei também nessa história, né! Nós três ajudávamos muito ele nesse trabalho, nós três éramos coordenadores e isso facilitava. Eu tinha disponibilidade então ele me levava muito para São Paulo, qualquer comissão que tinha ele me colocava e isso fez com que eu conhecesse muita gente lá em São Paulo e a gente passa a ser conhecido, em função das comissões que eu estive. Então quando a Leila entrou, ela não era muito de ir para São Paulo, ao contrário do Agasi, que gostava de ir em São Paulo, aquelas coisas todas. Eu fazia mais ou menos esse papel, eu ia no lugar dela muitas vezes, eu tinha facilidade lá, eu conhecia muita gente e quando o Agasi saiu daqui, ele foi para a Supervisão, e na supervisão ele tinha... estava muito em São Paulo e me colocava nas comissões lá, então isso fez com que eu participasse das atividades que tinham lá. O Paula Souza ainda era pequeno, treze ou quatorze escolas, isso também ajudava bastante, mas depois em noventa e pouco, veio aquela enxurrada de escolas né, e aí foi difícil. O orçamento era o mesmo e as crianças tinham aumentado, mas a gente continuou e com isso, com as escolas novas, abriu um leque muito grande de atividades e aí além da coordenação aqui, eu fazia alguns papéis lá também, atividades de coordenação, curso de Mecânica e tudo mais, lá em São Paulo. E o Luiz ainda estava na Supervisão, a Leila estava aqui na Direção e surgiu uma possibilidade de assumir a direção na Luther King lá em São Paulo, o Luiz deu uma força e me indicou, a professora Laura, que era chefe de gabinete naquela época, a gente tinha bastante relacionamento, e ela quem deu a força para que eu realmente fosse lá, isso foi em 1999, quando eu fui para a Luther King, em agosto de 1999 e fiquei até junho de 2000 lá, foi aí quando eu tive o processo de eleição de diretor e eu fiz o processo lá e fiz aqui, eu ganhei lá também e aqui.

ITB: Ganhou nas duas!

LAK: É, nos dois lugares. Aí a professora Laura me chamou e disse: onde é que você quer ficar? Quero voltar para Sorocaba, tenho família toda lá, mas o pessoal da Luther King fez o maior esforço para eu ficar lá, queriam arrumar até um apartamento para eu ir para lá, mas eu falei não dá, minha vida toda está assentada toda em Sorocaba e não tem jeito de vir para cá. Aí a gente assumiu a direção aqui na Fernando Prestes, fiquei quatro anos, depois teve eleição novamente, mais quatro anos, daí a gente fez o ciclo de oito anos na direção da Fernando Prestes, e nesse processo de ser diretor, o Luiz assumiu a direção do Rubens de Farias, em 2000. Nós assumimos juntos, ele assumiu o Rubens de Farias e eu o Fernando Prestes. Então nós fizemos uma dobradinha de direção, Fernando Prestes e Rubens. Muitas vezes tinha documento assinado por mim e por ele que servia para as duas escolas, para não ter aquele problema, lá faz de um jeito, aqui faz do outro. Como a gente tinha uma amizade muito boa, aí isso facilitou. Mas aí ele ficou um ano e pouco na direção e foi embora novamente para São Paulo, daí ele entrou num projeto lá em São Paulo, um projeto lá e aí aqui ficou a Sônia Valter, a Sônia ficou na direção, daí tive um bom relacionamento com a Sônia e a gente levou as duas escolas aí. Então foi uma caminhada bacana de direção aqui na Fernando Prestes e tudo mais...

ITB: E aí na sequência para chegar nos dias de hoje com essa parceria que ainda existe e muito.

LAK: Então, para chegar nos dias de hoje (risos). Então... saindo da direção aqui, eu ainda na direção, eu trabalhei no projeto EAD, eu ainda era diretor e estava no projeto EAD, foi justamente quando eu saí da direção e quando eu saí da direção, e eu continuei no projeto

EAD, até que houve uma reestruturação e a gente deixou o projeto EAD. Deixando o projeto EAD, eu fui conversar com a professora Laura. Professora eu queria fazer alguma coisa, mas não queria voltar para a sala de aula e essas coisas aí. Aí como tem o programa especial que o professor Heméritas coordenava, eu falei para ela: “A senhora não quer que eu ajude ele? Ele está muito debilitado, doente, não quer que eu ajude. Eu fico com as quarenta horas trabalhando no Programa Especial de Formação de Professores. Puxa... eu estava mesmo pensando em uma pessoa, tal... caiu em cima a situação, então ela deu uma canetada lá e me colocou para ficar coordenador do programa, que na verdade eu sou até hoje o coordenador, que ela não me destituiu do meu cargo até agora né. (risos) Ela deveria ter dado baixa e não deu, então daí eu trabalhei no programa especial e o Luiz também. Ele voltou para Sorocaba e, também estava meio assim, não tinha muito o que fazer, ele ia ajudar um pouco no Rubens de Farias, ele também conseguiu com a professora Laura para ajudar um pouco no Rubens de Farias e pegamos o programa aí para a região de Sorocaba, para fazer o trabalho. Então a gente desenvolveu um trabalho bacana de formação de professores, porque a gente ia no local, conversava com os alunos, alunos que eram professores, e a gente passou a ser conhecido nessa região toda: Marília, São José do Rio Preto, Presidente Prudente, Ourinhos e a gente coordenava. A gente coordenou o programa até 2012, daí o programa acabou. Daí em 2012, o Luiz tinha assumido a coordenação da extensão da escola nova. Era extensão ainda, mas funcionava dentro do Rubens de Farias, enquanto a prefeitura não terminasse o prédio que está lá, hoje, a Armando Pannunzio (Etec Armando Pannunzio). Daí terminou o prédio, tudo mais, ele foi para lá, e ele me chamou para ficar lá junto com ele. Eu mesmo coordenando o programa de formação pedagógica, que ele arrumava uma sala para eu ficar lá. Eu vou porque eu não tenho onde ficar. No Fernando Prestes havia algumas dificuldades, no Rubens eu ia ficar sozinho, porque eu fiquei muito tempo lá junto com o Luiz e daí o programa acabou também. Acabou o programa, aí eu falei, puxa vida e agora, vou voltar para as aulas? Aí a professora Laura veio no dia da inauguração do prédio e ela passou lá e eu conversei com ela: - Professora, eu não poderia ficar aqui com o Luiz, aí ela já sabia que eu estava doente. Eu não poderia ficar aqui com o Luiz ajudando ele na direção? Ela falou: - claro, não tem problema nenhum. Mais uma canetada e eu estou lá até hoje ajudando a implantação da Etec de Sorocaba e hoje Etec Armando Pannunzio e essa implantação já fazem 5 anos. Então, enquanto não tiver uma negativa, eu estou lá e vou ficar por lá, porque foi uma experiência muito boa, a gente começou a implantação desde o zero, lá né.

JFR: E olha que parceria você e o Luiz.

LAK: Não, a parceria... a cabeça nossa complementa um ao outro. Ele é muito bom. E a gente tem muito respeito um pelo outro, e então isso facilita também a caminhada.

JFR: Maravilha.

ITB: Tem mais uma coisinha aqui... E nesse período todo, na direção do Fernando, teve alguma coisa que foi mais significativo para você, na direção, todo esse trabalho.

LAK: Então... a minha paixão foi o teatrinho.

ITB e JFR: Teatrinho (risos)

LAK: Essa foi a minha paixão aqui na Fernando Prestes.

ITB: O nosso anfiteatro.

LAK: A gente arranjou dinheiro, a gente pagou a construtora, fez de tudo para sair aquilo ali. É um negócio bonito para a escola, né, e tudo mais... Era uma coisa importante para a escola, a escola precisava. Todas as escolas precisam ter um teatro, um salão onde possam reunir um número relativamente bom de pessoas, é pequeno, mas pela beleza que foi da época e

hoje também, é um espaço gostoso. Era um sonho meu, eu construir isso daí quando eu estava aqui. Além de toda a parte dos cursos e tudo mais, de dar condições para os cursos. Eu chegava a ir em São Paulo e esperar a professora Laura descer na escada do prédio velho lá, e eu ficava lá embaixo na escada esperando na hora do almoço, e ela descia e ia almoçar e eu falava: - Posso ir almoçar com você? (risos) e no caminho eu chegava e falava: - professora estou precisando de 20 computadores lá e tudo mais, será que a senhora não poderia liberar. “Ah! não dá, não tem jeito de liberar e tal e eu falava: então a senhora me libera dez esse mês e dez no outro mês e foi assim que a gente trouxe muita coisa para cá, muito computador que era aqui o curso que era primeira linha, como é hoje ainda um curso de primeira linha, onde o pessoal vinha, e depois, ia para a Fatec e sabia mais que o pessoal da Fatec. Os nossos alunos eram estagiários já de cara, logo no primeiro módulo lá da Fatec, já eram estagiários lá. Como era o pessoal de Mecânica. Eles vinham para cá e depois iam para o curso de Projetos lá, eles já eram instrutores lá, monitor que fala, já eram monitores lá. Essa situação também aconteceu e aqui e que me deixaram bastante alegre aí, e foi uma das realizações que a gente fez aí.

ITB: E para finalizar, o Centro de Memória do Fernando Prestes. Quando você assumiu, qual era a situação dele?

LAK: Ele estava meio parado, andando muito devagarinho, porque quem implantou mesmo foi Leila, juntamente com a professora Stela e a professora Rose. A Leila começou a direção, aí ela deu uma força para a Stela e, a Rose junto, e eles fizeram todo o trabalho aí, mas com a saída... nem foi a saída da Leila, mas o pessoal de São Paulo deu uma esfriada no projeto e essa esfriada no projeto a Stela ficou assim meio, com as horas até meio ruim aí e quando eu assumi eu fui lá para São Paulo e pedi para dar uma reativada, porque tinha muita coisa para fazer, como ainda tem. Se você pegar as fotografias, se pegar aquela documentação, toda a parte de higienização e tudo isso que tinha que fazer, que foi feito uma parte só e tem muito mais para fazer, então daí eles liberaram umas horas aí, a Stela deu continuidade junto com a Rose e tudo mais, mas também no meio da minha direção, já na segunda etapa, segunda fase, também deram uma esfriada no projeto e daí esfriou mesmo e daí acho que está voltando agora, na verdade está voltando agora. Mas na época que a gente ainda tinha condições, teve hora e tinha até estagiário para ajudar nisso daí, foi uma coisa grande, eu diria assim com o trabalho que foi feito pela Stela e pela Rose de higienização de muitos documentos e tudo isso daí, foi um trabalho muito bacana eles realizaram e até serviu para a tese da professora lá da USP e essa coisas todas e saiu um livro que deve estar por aí também da época contando alguma coisa de casa escola e tudo mais.

JFR: E em relação as suas produções acadêmicas, a gente viu pós-graduação, mestrado e doutorado. Qual a importância para você dessas pesquisas Kori?

LAK: Olha, eu fui fazer tudo isso em função aqui do Fernando Prestes. Quando eu entrei aqui me colocaram de coordenado, mas eu falei: - puxa, não quero ser só coordenador. Que que precisa mais? Me falaram, você tem de fazer Pedagogia. Precisa de Pedagogia, fui fazer Pedagogia. Eram 78 meninas na sala e eu e outro rapaz e o rapaz não sei se era realmente...

JFR: Mas e você?

LAK: É, então fui fazer Pedagogia, naquela época para ser diretor precisava ter Pedagogia. Então agora já tenho Pedagogia, mas eu queria alguma coisa mais, mais, né. Eu queria dar aula na faculdade, mas o que precisa para dar aula na faculdade, daí, não ah! você precisa fazer Mestrado, só as pós-graduações que você tem aí não dá sem fazer mestrado. Por sorte começou o mestrado na Uniso aqui em Sorocaba, então entrei fazer o mestrado na Uniso, e a pesquisa, como vocês podem ver aqui do mestrado é “Qualidade Total da Empresa a Escola”.

JFR: Mostra cópia da dissertação

LAK: E eu utilizei a experiência aqui da Fernando Prestes. Entrevistei alguns alunos que já estavam fazendo o curso de Desenho Mecânico e que já estavam, alguns, estavam envolvidos com a qualidade, outros não. Então eu fiz a entrevista com dois alunos que já trabalhavam na área da qualidade, fiz a experiência com dois alunos que estavam implantando na empresa a qualidade, e fiz entrevista com aluno que não tinha ainda o sistema de qualidade total na empresa. Então com base nisso daí, eu fiz essa dissertação comparando isso tudo, e o que esses alunos traziam para a escola, beneficiando a sala de aula com as suas experiências e o que a escola oferecia para eles, o que os professores, os colegas, passavam para eles levarem para a empresa. Então foi essa relação aí que fez com que eu trabalhasse esse tema a: Qualidade Total da Empresa à Escola. Então foi aí que eu tive que pesquisar tudo sobre qualidade, que foi bom para mim, porque eu também, na época ou até um pouco antes até, eu comecei a prestar serviços na área de qualidade e com empresas aí, juntamente com um professor da Fatec, o professor Osni, que ele me chamou, que a gente se conhecia da Ecil, daí ele saiu da Ecil também e tudo mais, daí a gente nos encontrou aí, para um café e ele aí, ele falou se eu queria ir trabalhar com ele na área da qualidade, prestar serviço para uma empresa. Eu estou querendo e isso deu um pouco mais de embasamento para eu trabalhar essa dissertação aqui. Bom, fiz a dissertação, defendi tudo bonitinho, tudo certinho e não valeu nada, porque o curso não estava reconhecido. Pegou uma transição no MEC e ficou assim dois ou três anos aí a coisa parada, não podia fazer mais nada, não podia fazer nada, mas eu fui procurar para dar aula, eu queria dar aula na faculdade. Um dia passando lá em São Roque, deixei o meu currículo lá, passando mesmo, deixei o meu currículo lá, uma semana depois me ligaram. Olha, o senhor não quer pegar umas aulas aqui na área de produção, o senhor tem uma experiência. Claro, vamos lá. Em 1999, foi quando eu entrei, em 99, na FAC São Roque. Na Faculdade de São Roque, então lá eu fiquei uns quatro anos. Daí eu fiz um processo seletivo na UNISO, em 2000, e daí eu entrei na UNISO. Daí estavam precisando de professor na UNIP, eu também peguei umas aulas lá na UNIP.

ITB: Nas áreas...?

LAK: Eu dei aula de Administração. Na UNISO eu dava aula para Sistema de Informação, mas a parte de Empreendedorismo, essas coisas aí e na UNIP eu dava aula de Estatística e de Legislação, não lembro bem o nome da matéria, para o curso de Pedagogia. Eu fiquei um ano lá na UNIP, para ganhar experiência, essas coisas todas. Daí eu fiquei só com a UNISO e a FAC São Roque. Daí começaram a mexer na estrada aí, na Raposo para duplicar e a pista ficou muito perigosa mesmo. Daí eu saí de lá e fiquei só com a UNISO mesmo. A UNISO eu deixei, há dois anos atrás, por questões de saúde, então eu pedi demissão lá da UNISO por essa situação. Bom, mas eu estava lá na universidade dando aula eu falei, poxa, eu queria mais alguma coisa, que precisa ser mais alguma coisa, para ser mais alguma coisa? Ah! Você tem de fazer doutorado para trabalhar com pesquisa, para dar aula no doutorado. Bom, então eu vou fazer doutorado. Mas o curso ainda não estava reconhecido. Até que em 2003 o curso foi reconhecido. Tivemos que defender de novo a dissertação, mas aí foi mais simples, mas tivemos que defender de novo. Daí o curso foi reconhecido, tudo bonitinho, daí eu fui procurar o meu orientador daqui que era da UNISO e tinha ido para UNIMEP. Fui lá, falei com ele e disse que eu gostaria de fazer mestrado e disse tenho chance. Ele disse, não, você entra no processo seletivo aí. Aí eu falei não tem problema, mas eu queria fazer com ele, porque eu já conhecia, ele sabia das minhas coisas, do meu potencial que não sabia escrever nada e tudo mais, ele me ajudou muito nisso daí. (LAK mostra a dissertação) Se vocês virem aqui no mestrado, só essa primeira parte aqui foi 17 vezes para ele ler (Risos) e ele falando que não era assim, o que que era, como tinha que fazer. Foi uma coisa mesmo né, mas aí a gente vai aprendendo e isso aí vai fazendo a gente aprender e tudo mais. Hoje eu já tenho mais facilidade para escrever e jogar dentro do padrão de normas e tudo isso. Porque a gente não sabia de nada disso. Então daí eu fui fazer o processo seletivo lá na UNIMEP e aí aquelas coisas, eu nasci com a estrela também, duas semanas antes a gente foi em um congresso lá

em Recife, fomos num congresso lá em Recife, fui apresentar uma parte lá dessa dissertação e conheci uma professora lá, que era do programa lá da UNIMEP, que era amiga do professor Cleiton, que foi o meu orientador. Ele me apresentou para ela, disse esse aqui é o Koritiake. Saindo dali cada um foi embora, daí na entrevista da UNIMEP, para escolher as pessoas, quem estava na banca. Ela estava na banca, aí você fica mais tranquilo e tudo mais, mas era difícil, porque eram 60 pessoas para duas vagas, naquela época lá, por sorte fomos escolhidos eu e uma menina de Marília. Essa menina também me ajudou bastante no doutorado. E foi então quando a gente começou a fazer o doutorado e tudo mais. Uma fase muito espetacular, eu estava diretor aqui ainda e terças e quartas eu ia para lá a tarde, muito bom, muito bem, momento assim em que eu vivi, de conhecimento, de estar numa roda de pessoas com conhecimento e comecei a fazer e não desatava a bendita da tese, queria fazer uma coisa eles falavam, isso não é bom, não dá, fazer outra não dá, fazer outra não dá. Aí já estava esgotando o prazo para eu apresentar alguma coisa, pelo menos o projeto. Foi quando eu falei: - puxa vida, vamos fazer sobre o Centro Paula Souza, foi quando eu peguei, justamente aquela transformação do ensino técnico integrado para os modulares. E aí como é que foi? Como é que eu defini essa tese: Reestruturação Produtiva e a Educação. Então todas as mudanças das empresas da década de 70, principalmente, que que ocorreu e o que a educação tinha a haver com essa história. O que ela sofreu nisso daí, né. Então daí foi uma proposta de estudo do Centro Paula Souza, para o ensino médio e técnico. Então daí eu usei muito textos da transição, matrizes que foram daquela época, o Ensino Médio com o Ensino Técnico integrado então, só que eram duas matrículas então e essas coisas todas, então foi aí que eu desenvolvi um trabalho em cima disso daí, e com a defesa da tese de doutorado, me proporcionou assim, muita coisa de viagem, seminário, muita coisa. Eu fui para Portugal apresentar parte da tese, fui para a Espanha para apresentar parte da Tese, então me abriu um leque muito grande. Não foi possível eu entrar para a área de mestrado e doutorado lá na UNISO, porque é um grupo bastante fechado e já estava todo composto, tudo certinho e eu não consegui ter essa oportunidade lá. Então, foi em 2008 que eu terminei, 2009, 2010 essas coisas todas que foi indo e daí sempre apresentando trabalhos e tudo mais e eu encerro quando eu fico doente, basicamente, né! Porque no mestrado, no doutorado mesmo né, faltando seis meses para terminar o meu prazo, eu tive o problema do rim, que eu precisei fazer a cirurgia do rim e tirar o rim. Eu falei puxa, eu vou conseguir malhar e fazer tudo rapidinho, que nada, aí tive eu pedir uma prorrogação de seis meses para depois apresentar a tese de doutorado. Mas o doutorado abriu muito a cabeça. Foi uma coisa muito legal. Melhor do que o mestrado. O mestrado foi bom, mas o doutorado foi melhor. O doutorado abriu mesmo a cabeça, para uma visão melhor de mundo e sobre a educação. E eu sempre me envolvi com as políticas educacionais, fazia parte da ANPAE, e essas coisas aí. Fiz muito, viajei muito, fui apresentar muito trabalho por aí em função dessa tese.

JFR: Aproveitando que, a base das suas pesquisas fala de reestruturação, de mudanças, as vezes dessa questão de mercado e a gente aqui na nossa escola e no curso de Mecânica, você viveu os anos dourados, apesar de que você comentou que não foram bem assim.

LAK: É o curso de Mecânica, como eu já falei, no início ele era Desenho Mecânico, não era técnico, era um Auxiliar de Desenho Mecânico, daí o Luiz, o Agasi, disse, vamos transformar tudo isso aí para técnico. Foi quando a gente foi lá em São Bernardo e conheceu o curso de lá e vimos que tinha condição de implantar tranquilamente e implantamos o curso aqui e isso abriu um leque muito grande porque novos professores vieram. Foi assim muito bacana, cabeças novas aí, tudo mais, isso fez com que o curso, desse..., cresceu bastante. Tínhamos um número de candidatas vaga bastante significativo, mas nós tínhamos o eterno problema de número de alunos formados que era baixo. Essa situação que até hoje vivemos aí. Chegou um momento que surgiu lá em São Paulo ia acabar o curso e vai acabar o curso, vai acabar o curso, vai acabar o curso. Eu peguei o Vitor aqui, acho que o Vitor estava de coordenador aí e nós fomos para São Paulo e nós fomos conversar com o Kakuite lá. Era ele que mexia com vestibulinho, essas coisas lá. Fomos lá e falamos:- você não pode acabar com esse curso, nós vamos dar um jeito e tudo mais. Ah! Não tem jeito, não jeito, mas daí eles cederam,

eles cederam e daí a gente aqui também deu uma alavancada, deu um choque, foi um choque para todos os professores, porque era isso só que nós tínhamos aqui. Daí surgem um novo boato que ia unir tudo no Rubens de Farias. Que o curso daqui ia para o Rubens de Farias e aqui ia ficar só a parte de Gestão e lá no Rubens de Farias a parte Industrial. Aí o pessoal daqui ficou bravo né. Porque vai, porque não vai, aí eu fui lá em São Paulo ver isso daí, ver como a coisa estava.

JFR: Você tem uma data disso?

LAK: Eu já estava na direção, quando o Vitor estava de coordenador. Isso foi em 2002, 2003, 2004, foi por aí. E esse boato correu e eu fui para São Paulo de novo, e aí fui conversar com o professor Almério, e aí conversando com o professor Almério, eu disse que não dava para ir porque o conflito entre o Fernando Prestes e o Rubens de Farias era muito grande, e em termos de professores e tudo mais, então ele cedeu um pouco e manteve o curso. Só que esse curso, ele não era assim um curso, pelo MEC autorizado mesmo, ele estava com uma autorização especial, como experiência, e na hora do vamos ver o Paula Souza dormiu no ponto, vou falar isso aqui, é para gravar mesmo, dormiu no ponto e não atualizou as informações necessárias desse curso, e esse curso saiu do caderno de habilitações do MEC, e daí não tinha jeito mais de colocar. Foi quando aí foi obrigado a encerrar o curso por causa disso. Então é uma situação que o Paula Souza bobou. Bobou mesmo, e como a gente não sabia dessa situação, não sabia que era um curso que não estava aprovado oficialmente, que era uma experiência, não sabia disso. O Paula Souza não nos informou essas coisas. Então a gente nem se preocupou, achava que ia dar tudo certo e vamos embora, vamos tocando e isso foi a causa do fechamento do curso. Uma judiação, um curso que tinha condições aí de demanda, tranquilamente. Você vai fechar um curso que tem demanda? Aí é complicado. Aí a escola também teve algumas dificuldades, o pessoal teve algumas dificuldades de formular alguma coisa para substituir, porque nós tivemos esse problema lá na Armando Pannunzio também. Um curso lá fechou, porque também era um curso de experiência. Mas, lá a gente conseguiu, dentro do tempo aí, fazer uma proposta para o Paula Souza de um novo curso, que foi o curso de Eletroeletrônica, que tinha uma boa afinidade com o curso de Instrumentação que saiu de lá. Então consegui se fazer toda a documentação dentro do prazo e apresentar. Não teve problemas de interrupções. Agora aqui teve o problema da interrupção, então fica mais difícil você solicitar um novo curso e tudo mais. O Paula Souza está segurando o máximo essas situações aí, então foi essa a história do curso de Projetos de Mecânica.

ITB: Kori, você poderia contar pra gente, quando foi diagnosticado que você tinha um problema, que talvez, dificultou essa sua trajetória. Você pode contar sobre isso para a gente?

LAK: (expressão de sofrimento) É, eu em 2008, 2009, eu fiz, eu fui diagnosticado com um tumor no rim, e precisava fazer a cirurgia, eu fui fazer a cirurgia, e daí não precisou fazer nada, porque estava encapsulado e tudo isso. Fiz os acompanhamentos, só que passou um tempo, em 2011, no mês de maio, eu tive um problema de retenção de urina, a retenção aqui foi de 4 litros, não sei como eu consegui ficar, daí eles esgotaram tudo isso, daí no outro dia de manhã passou o médico e fez um exame lá, de toque e disse: sua próstata está muito inchada. Fui no urologista e o urologista falou que tinha que fazer cirurgia da próstata. Aí nós estamos em maio e, em junho, que nós fomos lá, em novembro do ano anterior eu tinha feito todos os exames e não tinha constatado nada, daí tem que fazer tem que fazer, justo no batizado das crianças, no dia do batizado das crianças, eu fui internado. Aquilo para mim foi cruel, mas...a vida está na frente de tudo e você tem de enfrentar. Fiz a cirurgia, isso já era mês de setembro, achava que estava tudo bem, o médico perguntou: - pegou o exame da sua próstata lá, da análise, eu falei não doutor, você não falou nada para mim, não tem de pegar, aí a hora que eu peguei o exame e fui levar para ele constatou que tinha um câncer, aí ele já me encaminhou, e como eu já fazia tratamento do rim, eu fui no mesmo médico, Dr. Valter Estefanuto,, daí ele já agilizou as coisas, e no dia 26 de dezembro de 2011, depois do Natal

eu tomo a primeira injeção, já preparando para quimioterapia, e no dia 10 de janeiro de 2012, eu começo a fazer a primeira quimioterapia. Um cara de sorte, eu não tive grandes reações da quimioterapia, aí eu ia me divertir na quimioterapia, é verdade! Contar história para os outros, brincar lá, para também distrair junto aquele povo, que estava lá, que não era fácil, tinha gente lá de todo jeito. E a gente ficava lá tudo sentado, 8 pessoas sentadas lá, esperando o mundo acabar, porque levava quatro, cinco horas a quimioterapia, isso foram 3 anos, indo três vezes ao mês lá, 3 quartas feiras no mês, folgava uma, 3 quartas feiras no mês e ia fazer quimioterapia. Isso foram 3 anos seguidos. Nesses três anos, eu estava bem, e comecei a tomar por boca o remédio. Oh! Que legal, né! Não preciso ficar lá quatro, cinco horas fazendo quimioterapia. Fizemos isso aí um ano e meio, daí começou a aparecer, crescer nódulos no pulmão, fígado, parte óssea, já estava tudo isso, mas começou a crescer um pouco mais. Aí voltou para a quimioterapia, fez algumas e não deu resultado. Vamos para outro, escolheu outro remédio, vamos fazer quimio com esse outro, fiz uma e o laboratório falou que não ia importar mais o remédio. Putz, daí o doutor falou e agora? Eu disse o senhor que sabe (risos). Ele falou, eu tenho uma alternativa, mas não faz parte do protocolo da Anvisa nem da Unimed, o senhor vai ter de entrar com um processo para conseguir isso aí. Me fala o que que eu tenho que fazer, que eu faço. Ele me deu o nome de uma advogada, ela preparou todo o processo, ele deu toda a documentação necessária, entramos com a liminar e estou fazendo a quimio com a liminar, uma vez cada 21 dias, e eu estou fazendo com uma liminar aí. Não tive até agora problema nenhum, estamos fazendo até agora. A Unimed até agora depois da liminar, não tive problema nenhum, libera rapidinho e tudo mais, então, isso ficou bom, mas está correndo o processo ainda, de repente, eu fui fazer... como é que chama lá no INSS.

ITB: Não é vistoria né? (Risos)

LAK: Não é vistoria, é que o médico vai dar lá... não lembro agora...e o juiz pediu para um outro médico analisar o meu caso, isso dar o parecer, fazer o parecer e eu estou aguardando esse parecer e aí o juiz vai dar a sentença e isso pode ser amanhã ou daqui dois anos, etc e tal. Então eu estou nessa situação. Bom, como é que eu vivi isso daí, né! Difícil, alguns momentos, muito difícil, assim que o estado depressivo bastante complicado, até esses dias mesmo, com as dores que eu estava no corpo né, é muito complicado e tal, mas eu nunca deixei de fazer o que eu tinha que fazer, é o câncer mesmo nunca me impediu de fazer as coisas, mas os efeitos colaterais e que me judiaram, por exemplo eu tinha uma dor aqui, bem no fundo, que eu não aguentava, de tempo em tempo ela vinha e não havia remédio que fazia efeito. Nem morfina fazia efeito, isso eu sofri muito, e foi em função dessa dor que eu deixei de dar aula na UNISO, porque um dia eu fiquei ruim lá, uma dor terrível, que eu tive que pedir para os alunos desculpas até que eu estava indo embora que não tinha jeito, daí a UNISO colocou uma pessoa para dar aula junto comigo, isso foi no mês de maio, daí eu encerrei o semestre e pedi a demissão, e saí. Então, a doença, ela fez com que eu deixasse de fazer algumas coisas, mas outras coisas, como por exemplo ir lá na Etec Armando Pannunzio, todo dia eu vou, a não ser o dia que eu estou, que eu não consigo andar, porque também esse bendito remédio que serve para melhorar, mas piora as outras coisas, e eu estou com uma anemia muito grande, os glóbulos vermelhos estão lá embaixo, as plaquetas também estão lá embaixo, então eu tenho fraqueza, muita fraqueza, as pernas não aguentam, e tudo mais. Então eu preciso tomar sangue. Essa semana eu fui tomar sangue lá na Unimed, né. Perdi 20 quilos, muito peso, mas nesse processo todo eu ainda tenho ido trabalhar, tento desenvolver o meu trabalho lá que é mais de orientação ao pessoal, ajudar nas decisões e tudo mais, porque eu não tenho função lá, eu sou professor designado para ajudar lá a Etec. Não tenho projeto, não tenho função, não tenho nada, eu sou o professor lá, e isso então facilitou também. Uma, com o Luiz lá, muito amigo, então facilita as coisas, eu estou com problema, ligo para ele digo que estou assim, assim, e ele não tem problema nenhum, fique tranquilo, a gente se vira aqui e tal. Como também o dia que ele lá essas coisas, ou precisa viajar, eu seguro as pontas lá, então...a gente tem feito isso, mas isso tudo me interrompeu, toda aquela coisa, aquele entusiasmo que eu tinha de escrever, e fazer apresentações em congressos, porque eu gostava muito, ia passear, era uma maravilha. Você vai, assiste as

palestras que você quer e o restante você vai passear. Então isso fez com que eu deixasse de fazer, e isso é uma situação que eu também sinto muito, como senti muito, muito mesmo, quando eu pedi a demissão na UNISO, é um vazio muito grande.

JFR: É! Eu vou fazer duas perguntas numa tacada só e você vai saber usar sua sabedoria para finalizar para a gente. Olha, hoje, depois de todos esses anos e vivência, teria alguma coisa que você gostaria de fazer ou algum desejo ainda não realizado? Essa é uma e a última é, qual mensagem você deixaria para seus colegas professores, funcionários e alunos das futuras gerações, da Etec Fernando Prestes? São essas as duas perguntas.

LAK: Bom, vamos lá na primeira, onde se eu ainda gostaria ou teria uma missão para fazer. Eu estava comentando, naquele momento, falando da saúde e tudo mais, que eu deixei de fazer muita coisa, eu gostaria de estar escrevendo, eu tinha muito conhecimento de legislação profissional, que eu deixei, estou parado em 2011, então essa era a minha vontade e se eu me recuperar, de estar escrevendo algumas coisas, participar de congressos, seminários, essa é a minha vontade, que eu acho que eu tenho ainda coisa para desenvolver e até acho que o Paula Souza está desperdiçando o meu conhecimento, eu não queria dizer, eu estou dando muito pouco para o Paula Souza, porque não estou sendo exigido nada. Procuramos fazer lá na Amando Pannunzio o melhor possível, mas eu acho que poderia estar bem melhor se o próprio Centro Paula Souza tivesse exigido de mim mais coisas, é fazendo com que eu pudesse produzir, na verdade, mais textos escritos e talvez mais um outro livro, esse é um sonho que eu ainda quero estar realizando. Fazer mais um livro para aí sim encerrar a coisa, mas vamos ver se a gente consegue se recuperar aí, para ter força e vontade, a saúde atrapalhando, você não tem vontade, motivação e tudo mais que falta. Agora quanto a segunda pergunta, o que eu deixaria para o pessoal aí, eu volto naquela eu vou voltar nos alunos “Liberdade com responsabilidade”, que foi um lema que nasceu assim do nada, foi espontâneo aqui na escola, não foi nada planejado e tal, de repente a coisa pegou, nasceu de uma reunião com os pais, que a gente fez, e que não ia fechar o portão mais, e os pais ficaram de cabelo em pé. Um pouco diferente do que está na Armando Pannunzio, que lá é fechado, e tal, é uma outra mentalidade, mas eu sou ainda dessa situação aí. Para os alunos, “Liberdade com Responsabilidade”. Para os professores, que desenvolvam nas suas aulas, realmente a realidade, que faça com que o aluno reflita sobre a realidade que estamos vivendo hoje, posterior aí, que vai em frente, para que eles possam transformar essa sociedade que está aí hoje, que é difícil, para o professor também é difícil estar desenvolvendo essa crítica, essa autocrítica, da situação e tudo mais. Se eu sou um professor de Matemática, por exemplo, se eu sou um professor de Biologia, por exemplo, né, ou uma área técnica, formar nesse aluno esse senso de responsabilidade que é o papel do professor realmente. Também tem essa responsabilidade, formar esse aluno com esse discernimento aí. Para os funcionários que são, vamos dizer o alicerce da escola, porque sem os funcionários da escola, é difícil eu dar uma aula, alguma coisa vai ficar faltando, seja em termo de limpeza, seja em termo de um material didático, seja ele qual for, ele é a base, ele está por trás, são as pessoas que estão escondidas, mas que são os motores da escola. E uma escola gigantesca, digo gigantesca porque no Paula Souza já não são tantas escolas que estão com dois mil alunos e até um pouco mais, e trabalhar com dois mil alunos não é brincadeira. Dois mil alunos, cento e cinquenta professores, mais não sei quantos funcionários, estagiários e tudo mais, então vocês têm mais de duas mil pessoas passando por essa escola todos os dias, se a gente for ver é uma pequena cidade. Então você vê, você é o prefeito de uma cidade e tem de dar conta de tudo isso, e é o pessoal da gestão, administrativo é que vai dar esse sangue, para que o professor possa desenvolver sua aula adequadamente, e o professor tem de estar realmente, ciente disso para fazer essa transformação, que esse aluno se coloque aí com essa responsabilidade aí de transformar a sociedade.

JFR: Muito bom, maravilha! Antes de finalizar, eu queria pedir que você autografasse para a gente essa sua dissertação de mestrado, e esse livro, inclusive ele trouxe um.

LAK: É eu ia trazer alguma coisa para que talvez vocês perguntassem.

JFR: Eu queria te mostrar esse livro aqui, que foi o que eu ganhei no lançamento, autografado e eu participei desse momento. Inclusive está com esse marcador do chá de Santo Antônio. Aqui está a sua mensagem, da Renata, da Leila e do Zé Roberto. (José Francisco mostra o livro: Formação Profissional: Escola Técnica Estadual “Fernando Prestes” ontem e hoje). Bacana, legal registrar isso aí e agora ele deixa um exemplar aí para o Centro de Memória também, para o acervo. Aproveitar esse momento também, essa pausazinha, para citar uma frase, que tem nessa dissertação: “Nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia...” Lulu Santos e Nelson Mota. (Koritiake concorda com a cabeça, enquanto autografa cópia da dissertação) Essa frase que o Kori colocou na sua dissertação eu achei fantástica e a gente ouviu tanto e essas pequenas frases significam tanto. Muito Bacana!

JFR: (Pede que Koritiake autografe o livro também)

LAK: Eu vou deixar para o Centro de Memória, um cd do livro também. Igualzinho o que está no livro está em CD. Você deixa guardado.

ITB: Que ótimo!

JFR: Com certeza!

JFR: Isso para nós é uma conquista.

ITB: Nosso objetivo foi alcançado.

LAK: (está autografando livro)

JFR: Sempre tem uma expectativa, essa é a primeira entrevista que a gente está fazendo.

ITB: Isso...

JFR: E a gente preparou da melhor forma possível e espero que você tenha sentido à vontade para contar a sua história para a gente. Obrigado Kori.

LAK: Eu que agradeço. (cumprimentos)

JFR: Vamos formalizar aqui os agradecimentos? Bom, eu gostaria de agradecer ao professor Luiz Antônio Koritiake, ao diretor, professor Carlos Marcelo Conti Cruz que sempre apoia o nosso projeto, ao sempre parceiro Vanderlei, que está aí sempre gravando e filmando essas histórias, esses relatos tão importantes.

ITB: Nos dá um apoio absurdo.

JFR: Tudo isso forma o homem, o suor, lágrima. E a nossa coordenadora do projeto de Memórias, a professora Maria Lucia Mendes de Carvalho. Fica a todos aí o nosso grande abraço. Muito Obrigado.

ITB: Obrigado Kori.

LAK: Eu que agradeço a oportunidade de vir aqui, lembrar algumas coisas, e se vocês quiserem, pede na secretaria que eles vão procurar lá e vão achar o meu prontuário do ginásio.

ITB: Ah! Ok! A gente vai deixar também, em um porta retrato, essa foto com os últimos quatro diretores, fotografados no chá de Santo Antônio, aí já está a assinatura do Carlos Marcelo e a gente vai colher a assinatura dos outros também. A gente pede que você também assine.

JFR: Esse é um presente para você (JFR entrega um certificado à Koritiake)

ITB: Aqui um agradecimento formal (entrega o certificado) pela sua participação, colaboração, que a gente com certeza teria que ficar aqui muito tempo para que você contasse a sua experiência. A gente agradece imensamente.

ITB: Dona Catarina (esposa do professor Koritiake, que acompanhou toda a entrevista), por favor, nós gostaríamos de lhe dar de presente essa recordação, uma foto do chá de Santo Antônio.

ITB: Assim a gente finaliza nossa entrevista com o professor Luiz Antônio Koritiake. Parceiro Francisco, Vanderlei... Valeu. Obrigada!!

Descritores

História oral na educação

Memória do trabalho docente

Luiz Antônio Koritiake

Etec Fernando Prestes

Etec Martin Luther King

Etec Armando Pannunzio

Programa Especial de Formação Pedagógica

Técnico em Mecânica

Luís Alberto Agasi

Laura Laganá

Almério Melquíades de Araújo

Anfiteatro

Fatec Sorocaba

UNIMEP

UNISO

Fac São Roque

Qualidade Total

Ecil Temperatura Industrial

Leila Teresa Rolim de Almeida

Daniele Torres Loureiro

Ivani Torres Bragheti

José Francisco Rocha

Dados Biográficos do Entrevistado



Luiz Antonio Koritiake, do lado esquerdo, Dona Catarina, sua esposa, e do lado direito, o professor José Francisco da Rocha, em 8/10/2017.

Luiz Antônio Koritiake possui graduação em Tecnologia Mecânica, pela Faculdade de Tecnologia de Sorocaba, em 1977; Especialização em Administração, 1988; Graduação em Pedagogia pela Universidade de Sorocaba, em 1995; Mestrado em Educação pela Universidade de Sorocaba, 1999; Planejamento e Gestão da Educação Profissional em 2001; Doutor em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, 2004 a 2008. O título do trabalho: Reestruturação Produtiva e Educação. Atuou, coordenou o Programa de Formação Pedagógica para Professores do Centro Paula Souza; atuou como professor titular da Universidade de Sorocaba; foi membro do Conselho Municipal de Educação de Sorocaba; atuou como professor, coordenador e diretor de Escolas Técnicas do Centro Paula Souza. Tem experiência na área de educação e administração com ênfase em políticas e gestão da educação profissional, formação de professores, gestão da qualidade, competitividade e controle da produção.

Dados Biográficos dos Entrevistadores



Ivani Torres Braguetti é licenciada em Educação Artística e Pedagogia. Atua no Centro Paula Souza desde 2006 como docente na disciplina Artes em curso de Ensino Médio Integrado ao Técnico nas ETECs Prof. Elias Miguel Junior (Votorantim-SP) e Armando Pannunzio (Sorocaba-SP); docente nos Cursos Técnico Desing de Interiores, Técnico em Agenciamento de Viagens e Técnico em Informática para Internet na ETEC Fernando Prestes (Sorocaba-SP) e Coordenadora de Curso de Ensino Médio e Ensino Médio Integrado ao Técnico nas ETECs Prof. Elias Miguel Junior (Votorantim-SP) e Armando Pannunzio (Sorocaba-SP) de 2009 a 2016 e Curadora do Centro de Memória da ETEC Fernando Prestes (Sorocaba-SP) de 2017 a 2020. Atuou também como projetista de móveis na Celmar Modulados em Sorocaba e Zanetti Móveis em Santo André.



José Francisco Rocha – Nasceu em 29 de janeiro de 1969. Professor de Educação Física na Etec Fernando Prestes.

Dados Biográficos da Transcritora



Daniele Torres Loureiro - é professora do Ensino Médio e Técnico desde 2003, curadora do Centro de Memória da Etec Fernando Prestes e professora conteudista do GEEAD. Bacharel em Administração Pública pela UFSJ. Aluna do PPGEd - UFSCar Sorocaba (2016-2017). Pós-graduada em PIAGED - UFF (2015). Tecnóloga em Automação de Escritórios e Secretariado – FATEC-SP (1998). Foi coordenadora de Curso (2006); Membro do Projeto Historiografia (2005-2006); Professora da pós-graduação - Senac (2012 e 2013); Professora Universitária – Unip (2011-2012). Membro do projeto Biblioteca Ativa (2014 e 2015). Participou do Programa Intercâmbio da Fundação Rotária (2009).

Anexos (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Luiz Antonio Koritiake

Termo de Autorização para uso de Imagem de Luiz Antonio Koritiake